

PFL e PDS rejeitam

governismo automático

BRASÍLIA — Em menos de 12 horas, dois novos focos de rebeldia surgiram nas bancadas do PFL e do PDS, que, em reuniões separadas, informaram ontem a seus líderes que querem preservar a identidade partidária e não aceitam mais alinhamento automático ao Governo. Num jantar na noite de quarta-feira, os pefelistas, tendo à frente a bancada do Maranhão ligada ao Senador José Sarney (PMDB), deixaram claro que não querem ver seu Líder, Ricardo Fiúza, ocupando a liderança do Governo na Câmara. O PDS, partido do Ministro Jarbas Passarinho e que se reuniu ontem de manhã, queixou-se muito do tratamento recebido do Governo e pretende integrar um bloco independente junto com o PL e o PTB.

— Se Fiúza ocupar a liderança do Governo será muito ruim para o partido. Vai haver um racha muito grande se isso acontecer e ele acabará tendo que deixar a liderança do PFL — disse o Deputado José Reinaldo Tavares (PFL-MA).

Também os dois filhos de Sarney, os Deputados Sarney Filho e Roseane Sarney, defenderam esse ponto de vista. Fiúza, cujo nome tem sido cogitado para o cargo, esclareceu que não recebeu qualquer convite de Collor e que, se isso acontecer, discutirá o assunto com a bancada.

Parlamentares de outros Estados também fizeram cobranças. O Deputado José Múcio (PE) disse que o PFL, ao participar do bloco governista, vem perdendo

gradativamente sua identidade e defendeu que a bancada examine cada projeto ou medida que o Governo remeta ao Congresso separadamente, tomando a posição que bem entender, sem apoio automático ao Executivo.

— Antes de votar, eu quero saber direitinho o que é cada projeto e votar como quiser. O Governo não pode mais mandar o projeto e simplesmente dizer “votem sim” — disse Múcio.

No PDS, as reclamações surgiram quando o Presidente do partido, Delfim Netto, submeteu à bancada a proposta de fazer parte do bloco independente. O Líder Vitor Faccioni, que sempre defendera o apoio ao Planalto, percebeu que estava praticamente sozinho em sua posição. As queixas começaram com o Deputado Ibrahim Abi-Ackel:

— O Collor não nos dá nada, por isso não posso apoiá-lo. Não vou sacrificar minha carreira por um Governo que não tem apreço por mim.

— Temos três caminhos: o isolacionismo, o adesismo ou o setenativismo — disse o Deputado Roberto Campos (RJ).

Os pedestristas citaram vários episódios. A bancada gaúcha queixou-se da viagem que fez acompanhando Collor a Quaraí (RS), quando os deputados ocuparam os últimos lugares do avião, não conseguiram conversar com o Presidente e a aproximação máxima foi um cumprimento dele a cada um quando o avião sobrevoava Brasília, na volta.